



A MANIFESTAÇÃO LINGUÍSTICA EXPRESSADA POR MEIO DA PERSONAGEM INÊS NA OBRA "CLARA DOS ANJOS" DE LIMA BARRETO

LIMA, Dirlei B. de
LIMA, Kálita C. de
SANTOS, Alice dos
BARROS, Raquel de

RESUMO:

A língua é um importante fator para a sociedade. Ela é muito variada e ampla. Por conta disto, ela apresenta formas diferentes de ser expressada. Como consequência, formas de linguagem que muitas vezes não estão de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa acabam sendo utilizadas na fala e na escrita. O regionalismo é uma destas manifestações de linguagem. Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo retratar o regionalismo, o preconceito linguístico e a manifestação cultural expressada da linguagem da personagem Inês na obra "Clara dos Anjos", de Lima Barreto.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito linguístico. Literatura. Regionalismo.

INTRODUÇÃO

A língua não é apenas um processo de comunicação, mas de sobrevivência em sociedade e, apesar de ser de fácil acesso hoje, nem sempre foi assim. Antes, ela era vista como uma ferramenta de poder econômico, já que a população pobre, em sua maioria negros, nunca teve o direito nem condições de acesso a ela. Tendo isso como viés, escritores de séculos passados procuravam retratar em suas obras a realidade do período em que vivenciavam, a fim de que seus leitores pudessem se identificar durante o processo de leitura.

Dentre os representantes da literatura brasileira, podemos citar Lima Barreto, este que foi um dos pioneiros na retratação da realidade da população brasileira do início do século XX. Já que era negro e vindo de família de classe baixa, ele tinha propriedade para falar destes assuntos.

Enfatizava em suas obras personagens que antes não eram vistos nem valorizados na literatura, como negros, escravos, mulheres e pobres.

Neste contexto buscou-se retratar a linguagem regional e o preconceito linguístico empregados na obra póstuma de Lima Barreto "Clara dos Anjos". Estes fatores são expressados principalmente por meio da personagem Inês: ex-escrava, pobre, mãe solteira e sem acesso à cultura e educação.

A VIDA E A CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIAL DE LIMA BARRETO

Afonso Henriques de Lima Barreto foi um homem que de origem pobre e de pais negros, além de sofrer preconceito racial ao longo da vida. Lima Barreto começou a faculdade de engenharia, porém teve que abandonar o curso para ajudar sua família com as despesas, então foi funcionário da secretaria do ministério da guerra. O autor também trabalhou escrevendo para jornais e revistas do Rio de Janeiro. Era um escritor em transição entre o realismo e o modernismo. De estilo despojado, coloquial e fluente, suas obras literárias eram fora dos padrões da época.

Lima Barreto assim como muitos outros autores, não teve suas obras reconhecidas em sua época, somente após falecer. Viveu uma vida boêmia, entregando-se à bebida. Lima chegou a ser internado em 1914 no Hospício Nacional, para tratamento do alcoolismo e alucinações pelas quais sofria, mas só permaneceu dois meses. Em 1919 ele foi novamente internado num sanatório. Esse período o próprio autor narrou em uma de suas obras: "Cemitério dos Vivos".

Em seus livros Lima Barreto buscou fazer de suas experiências pessoais temas para seus livros. Como em Clara dos Anjos, onde denunciou a desigualdade social, o racismo sofrido pelos negros e mestiços. Segundo o artigo "Clara dos Anjos e as cores de Lima":

Como sabemos, Lima não chegou a conhecer a publicação de seu romance Clara dos Anjos, mas esse foi o livro mais trabalhado por esse autor e o mais voltado para as especificidades dos subúrbios. Foi também o mais preocupado em delimitar as divisões espaciais e simbólicas que por lá se estabeleciam - com fronteiras criadas internamente a partir da cor social (SCHWARCZ, Lilia Moritz, 2017).

O crítico, historiador da literatura brasileira e membro da academia brasileira de letras Alfredo Bosi na obra "História concisa da Literatura Brasileira" escreve no capítulo cujo título é "O romance social: Lima Barreto" sobre as características do pré-modernismo visto na obra do escritor Lima Barreto.

Bosi diz que a importância de analisar o espírito crítico de Lima Barreto, também está presente no estilístico, e não apenas no campo ideológico de suas obras. Barreto tinha um modo de pensar e de descrever narrando, em formas simples e discretas, tinha uma enorme naturalidade em descrever o contexto que envolvia as paisagens, os objetos e as figuras humanas.

Escreveu romance, sátiras, contos, textos jornalísticos e críticas, além de abordar as grandes injustiças sociais. Fez críticas ao regime político da República Velha.

A LINGUAGEM REGIONAL

Regionalismo é uma forma linguística de expressar as características de uma região através da língua, de acordo com os costumes e tradições daquele local. Corresponde a palavras, expressões, locuções, gírias ou algum significado específico de algo que é falado apenas naquela região. Por exemplo: no Paraná, chama-se o pão de “pão francês”, no Rio Grande do Sul, chama-se “cacetinho”. Em alguns lugares, se chama de mandioca a raiz alimentícia de uma planta, em outros lugares, se chama de aipim.

Geralmente, o regionalismo surge por causa de fatores históricos de uma localização geográfica e, como consequência, há várias palavras com significados diferentes em cada lugar. A língua no Brasil, apesar de ser única, o Português, é muito rica, variada e recebeu influências de muitas outras durante a colonização.

Em Clara dos Anjos o regionalismo também é presente. Como citado anteriormente, Lima Barreto procurava escrever sobre a sua realidade. Como a história se passa no Rio De Janeiro, as gírias cariocas são bem presentes. Um “Cometa”, por exemplo, na obra é chamado de “caixeiro-viajante”.

Percebe-se também outro regionalismo na obra em forma de gíria no fragmento a seguir: “Não ia ao colégio, fazia ‘gazeta’, correndo pelas matas das cercanias da residência dos pais, então em Itapiru, com os outros garotos.” Nesta citação, gazeta significa matar aula ou compromisso para se divertir. Esta mesma gíria tem outras formas em outros lugares, como “gazejar” no Paraná, por exemplo.

Em suma, entende-se que o regionalismo apesar de ser um tipo de linguagem diferente de região para região, ele não pode ser considerado errado, pois quando é utilizado oralmente, ele não fere as normas da língua portuguesa. Já quando em alguma situação precisa ser usada a norma padrão formal, ele não pode ser utilizado, pois não cabe nas regras formais e cultas da língua.

A CONTEXTUALIZAÇÃO DE "CLARA DOS ANJOS"

O livro começa contando a história de Cassi Jones de Azeredo, personagem da história, em que era um rapaz branco de sobrenome importante, porém ignorante e mau caráter, gostava de se divertir e abusar das moças e mulheres casadas da cidade. Muitas das vezes as mães das moças iam até a casa de Cassi Jones, conversar com sua mãe, para tentar fazer com que ele se responsabiliza pelos seus erros e casar com a moça desonrada.

Todas essas presas eram quase sempre seguidas de escândalos, nos jornais, nas delegacias, nas pretorias; mas ele, pela boca de seus advogados, injuriando as suas vítimas, empregando os mais ignóbeis meios da prova de sua inocência, no ato incriminado, conseguia livrar-se do casamento forçado ou de alguns anos de correção” (BARRETO, 1948, p.23).

Sua mãe Salustina sempre acobertava as proezas do filho, não deixava ele casar com aquelas moças pobres, em um dos casos, a mãe de uma delas até se suicidou de desgosto. Seu pai Manuel Borges de Azeredo não concordava com as suas atitudes, foi então que o expulsou de casa, sua mãe pediu abrigo para ele na casa de um tio, o qual não ficou muito tempo e o mesmo solicitou que voltasse embora. Sua mãe arrumou um quartinho no porão dos fundos do terreno, que ela pudesse levar comida, mantimentos, e que pudera dormir aonde raramente seu pai iria.

Cansado de se divertir com mulheres casadas e moças, começou se interessar por Clara dos Anjos, que era filha de Joaquim dos Anjos, um carteiro do lugar. Cassi foi convidado para tocar no aniversário de Clara, pois violão ele sabia tocar e cantava muito bem, foi então que aproveitou para aproximar-se da moça. Porém como seus pais já conheciam a índole do rapaz, seus amigos e padrinhos a avisaram para ter cuidado com aquele rapaz e evitar qualquer tipo de aproximação com o mesmo, porém era moça ingênua, ficou curiosa pensando que ele não pudera ser tão perigoso e ruim com diziam.

Cassi estava preocupado, pois pessoas estavam recebendo pelo correio um envelope com informações sobre ele, as quais ele não queria que chegassem aos conhecimentos de Clara. Nos envelopes havia “fotografias dele, cópias de notícias dos jornais do tempo, indicação das datas dos processos e dos juízes e delegados – tudo!” (BARRETO, 1948, P. 71)

Segundo o livro quem estava distribuindo esses dossiês anonimamente pelo Rio de Janeiro, era um oficial do exército, “cuja mulher atual é aquela moça que Cassi desonrou, e a mãe matou-se por isso, há cinco anos” (BARRETO, 1948, P. 93).

Os Pais e padrinhos de Clara já haviam olhado o dossiê, estavam ainda mais atentos com a moça, e cada vez lhe falavam mais das proezas de Cassi, e não deixavam ela andar sozinha e nem falar com o mau caráter. Mas ela em nada acreditava, pois pensava se tudo aquilo fosse verdade, com certeza ele já estaria preso.

Cassi não sabia a quem recorrer para conseguir se comunicar com Clara, foi então que ela começou a ter dor de dente, e seus pais chamaram um senhor chamado Meneses, que não era formado dentista, mas atendia as pessoas que precisavam. Cassi então se aproveitou da situação de pobreza de seu Meneses, dava-lhe dinheiro para que ele se entrega recados e cartas para Clara. A moça imensamente feliz em receber as cartas, ficava sempre a sonhar com ele, para ela, “ele era o modelo do cavalheirismo e da lealdade” (BARRETO, 1948, P. 99).

Clara estava muito triste, chorava todos os dias, seus pais até levaram ela ao médico para tentar descobrir o que ela tinha, mas nada adiantava. Certo dia saiu com Margarida, uma criada, Clara confessou para ela o motivo de toda sua tristeza. Chegando em casa, Margarida mais com que de presa contou a Engrácia, mãe de Clara sobre a confissão.

Pai de Clara e o padrinho Marramaque ficaram furiosos com a notícia, o padrinho de dela prometeu colocar o dossiê sobre Cassi no jornal, caso ele se aproximasse de Clara. Pois com todas aquelas provas ele com certeza seria preso. Clara escutou toda a conversa, no outro dia já fez uma carta, contando em detalhes tudo o que tinha acontecido para o mau caráter. Cassi enraivado, premeditou com seus companheiros cruelmente o assassinato de Marramaque.

Depois que saiu da venda de seu Nascimento, Marramaque caminhava pela noite chuvosa em direção a sua casa, quando dois homens o atacaram com cacetes e pauladas até que o mataram. No outro dia as primeiras pessoas que passavam pelo local o encontraram, e logo chamaram a polícia. Lá estava ao chão Marramaque com “A cabeça partida e os olhos fora das órbitas, todo o resto coberto de uma lama sangrenta, o braço semiparalítico, partido, as roupas ensopadas de lama e sangue” (BARRETO, 1948, P.109).

Todos na Cidade estavam se perguntando, quem teria coragem de praticar tamanha atrocidade com aquele bom homem aleijado e indefeso. Clara ficou fora de si, assim que soube do ocorrido com seu padrinho, lembrou-se das cartas que escreveu para Cassi, e que o mesmo fez ameaças contra Marramaque. Clara começou a desconfiar de Cassi, sempre lhe fazia perguntas sobre o assassinato. Cassi com medo de Clara ou a polícia descobrir, resolveu vender todos seus

galos de brigas e depositar na Caixa Econômica todo o dinheiro que ganhasse, para ter caso fosse necessário fugir.

Cassi foi até o centro para depositar o dinheiro, quando se deparou com uma mulher gritando por seu nome, era Inês uma antiga crioula de sua mãe, a qual foi abusada por ele. Abaixo de lágrimas a pobre negra desclassificada falava:

-Tu” é “mao” mas tua mãe é pior. Quando ela descobriu “qui” eu “tava” com “fio” na barriga, “mi pois” pela porta afora, sem pena, sem dó “di” eu não “te pronde í”. E o “fio” era neto dela e ela “mi” tinha criado... Vim da roça... Ah! Meu Deus! Se não fosse uma amiga, tinha posto o “fio” fora, na rua, que era serviço... Deus perdoe a “tua” mãe o que “mi” fez “i” a meu “fio”, “fio” deste “qui tai”, também, Deus lhe perdoe! (BARRETO, 1948 p.116)

Falou também que seu filho havia se metido com ladrões e estava preso na detenção, proferiu que Cassi há de pagar todo o sofrimento que lhe causou, Cassi não deu atenção ao que aquela pobre negra falava, e foi embora.

Clara moça pobre e ingênua se entregou aos encantos de Cassi, toda noite deixava sua janela do quarto aberta, para ele entrar e os dois se amar. Certo dia não apareceu, foi então que descobriu que ele fugiu para o Mato Grosso.

Logo após Clara descobriu que estava grávida, as lágrimas de desespero eram inevitáveis, pois acabava de ter certeza que tudo o que falavam de Cassi era verdade. Com medo da vergonha que faria sua família passar, decidiu procurar Margarida famosa por fazer “remédios”, para que fizesse um para abortar o bebê. Margarida não concordou com Clara e foi até sua casa e a fez contar a sua família sobre o ocorrido.

Clara e Margarida foram procurar a família de Cassi para fazer justiça, porém a mãe dele tratou elas com total descaso e xingamentos, dizia que seu filho nunca iria se casar com uma pobre negra mulata. Quando o pai de Cassi entrou na sala, Clara correu e ajoelhou implorando que tivesse pena dela, pois seu filho tinha desgraçado sua vida. Seu Azevedo afirmou:

Tu, minha filha, te ajoelhaste diante de mim ainda agora. Era eu que devia ajoelhar-me diante de ti, para te pedir perdão por ter dado vida a esse bandido - que é meu filho... Eu, como pai, não o perdoe; mas peço que Deus me perdoe o crime de ser pai de tão horrível homem...” (BARRETO, 1948, p.132)

Chegando em casa Clara abraçou fortemente sua mãe dizendo: “- Nós não somos nada nesta vida. ” (BARRETO, 1948, p. 133).

A PERSONAGEM INÊS E SUA MANIFESTAÇÃO LINGUÍSTICA

A expressão cultural das classes subalternas presente em “Clara dos Anjos” está claramente mostrada em Inês, uma personagem pouco enfatizada na obra, mas de grande importância na análise dela como um todo.

Inês representa as classes esquecidas da sociedade, classes estas que Lima Barreto tanto tratava em suas obras. A personagem é uma crioula sofrida, ex-escrava, moradora de um subúrbio do Rio de Janeiro e por causa de tamanha pobreza, obrigou-se a se prostituir. Além disso, tornou-se mãe solteira após ser vítima de Cassi, que em contrapartida representa as classes superiores.

Na obra, Lima faz questão de retratar a real sociedade no início do séc. XX. Neste período, o Brasil passava por um processo de muitas mudanças: fim da escravidão, crises sociais, modificações nas cidades e ainda muito preconceito em relação às classes menos favorecidas.

Como é citado no artigo supracitado “Clara dos Anjos e as Cores de Lima”,

[...] A partir desse pequeno detalhe é possível descobrir um escritor muito atento às variações de cor negra e às especificidades de uma literatura impactada pelos temas e pelas cores sociais dessa população de origem africana, numa época em que os personagens pertencentes a esses grupos, quando apareciam nos romances, eram ainda majoritariamente escravos, secundários ou, se tanto, remediados, quando não vilões. ” (SCHWARCZ, Lilia Moritz, 2017)

Por ser mulher - fator que já bastava para sofrer preconceito -, negra e de posição social e condição financeira baixas, Inês não teve acesso à educação e aprendizagem, já que na sua época, a educação era limitada e de difícil acesso, principalmente para escravos alforriados. Sua maneira de falar, reflete esta sua condição. No fragmento a seguir, percebe-se uma fala de Inês dirigida a Cassi, nela a linguagem totalmente informal da referida personagem pode ser claramente notada:

“- Você sabe onde "tá" teu "fio"? "Tá" na detenção, fique você sabendo. "Si" meteu com ladrão, é "pivete" e foi “pra chac’ra”. Eis aí que você fez, "seu marvado", "home mardichoado". Pior do que você só aquela galinha-d'angola de "tua" mãe, "seu" sem-vergonha!

Cassi fez um movimento de repulsa e que a rapariga não perdeu.

- "Oie" - disse ela, para os circunstantes -; ele diz que não é o tal. Agora "memo se acusouse", quando chamei a ratazana da mãe dele de galinha-d'angola... É uma "marvada", essa mãe dele -uma "véia" cheia de "imposição" de inglês. Inglês, que inglês...

Soltou uma inconveniência, acompanhada de um gesto despujado, provocando uma gargalhada geral. Cassi continuava mudo, transido de medo; e a pobre desclassificada emendava:

- "Tu" é "mao", mas tua mãe é pior. Quando ela descobriu "qui" eu "tava" com "fio" na barriga, "mi pois" pela porta afora, sem pena, sem dó "di" eu não "têpronde í". E o "fio" era neto dela e ela "mi" tinha criado... Vim da roça... Ah! Meu Deus! Se não fosse uma amiga,

tinha posto o "fio" fora, na rua, que era serviço... Deus perdoe a "tua" mãe o que "mi" fez "i" a meu "fio", "fio" deste "quitá i", também, Deus lhe perdoe! ”

Segundo o linguista e filólogo Marcos Bagno, em sua obra “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz”, de 1999:

“[...] São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro — que são a maioria de nossa população — e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola. ” (BAGNO, Marcos, 1999)

Contudo, mesmo que a linguagem de Inês não seja de acordo com a norma padrão, é errado trata-la com preconceito. Segundo Bagno, ainda em sua obra mencionada anteriormente, este preconceito contribui para a exclusão social. Ele ainda diz que não existe maneira “certa” ou “errada” de falar.

Hoje, ainda se tem reflexos na sociedade da realidade daquela época, já que ainda perdurou por muito tempo. Além de muitos regionalismos, o que oralmente não se pode considerar errado, há sim as informalidades na fala de muitas pessoas que ainda hoje não tiveram acesso à escola por muito tempo ou ainda por que aprenderam a falar assim no meio onde vivem.

Em suma, entende-se que Lima Barreto criticou duramente a sociedade da época, dando voz aos esquecidos. Cada personagem da obra foi pensado com o intuito de retratar e denunciar aquela realidade. Inês é a prova de que a sociedade de hoje vem de um contexto histórico de muito preconceito contra mulheres, negros e pobres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Diante disso, pensa-se que com tamanha variedade na língua portuguesa, manifestações linguísticas como o regionalismo, são apenas consequências desta condição. Apesar de não obedecer à norma padrão da língua, tais manifestações não são consideradas como erros, desde que apresentadas na forma oral.

A personagem Inês é um claro exemplo de uso do regionalismo refletido na sua cultura, a qual é espelhada no contexto histórico e do meio em que viveu. Moradora da periferia do Rio de

Janeiro, ex-escrava e pobre, sem acesso à educação, ela apresenta em sua fala muitas informalidades.

A intenção do pré-modernista Lima Barreto ao escrever “Clara dos Anjos”, era exatamente essa: retratar a realidade daquela sociedade sofrida e desigual do início do século XX através de cada personagem. Cada um deles, foi criado com o intuito de representar alguma característica do meio em que o próprio autor viveu.

REFERÊNCIAS:

BAGNO, MARCOS. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. 49.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BARBOSA, Francisco de Assis. “**A vida de Lima Barreto**”; Sua pesquisa. Disponível em <http://www.suapesquisa.com/quemfoi/lima_barreto.htm>. Acesso em 18 de setembro de 2017.

BARRETO, LIMA. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Ática, 1994.

DIANA, Daniela. “**Lima Barreto**”; Toda Matéria. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/lima-barreto/>>. Acesso em 19 de setembro de 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “**Clara dos Anjos e as cores de Lima**”;

VILARINHO, Sabrina. “**Lima Barreto** ”; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/lima-barreto-1.htm>>. Acesso em 19 de setembro de 2017.

WIKIVERSIDADE - **Norma Padrão da Língua Portuguesa**. Disponível em <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/referencias-bibliograficas-tiradas-na-internet-como-colocar-no-trabalho/48764>>. Acesso em 18 de setembro de 2017.